



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

**O SER COMO VONTADE: AS DORES DO MUNDO E O ROMPIMENTO DO
CICLO DO SOFRIMENTO EXISTENCIAL, SEGUNDO SCHOPENHAUER**

Bianca Thiele Loureiro Costa

Seropédica
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Bianca Thiele Loureiro Costa

**O SER COMO VONTADE: AS DORES DO MUNDO E O ROMPIMENTO DO
CICLO DO SOFRIMENTO EXISTENCIAL, SEGUNDO SCHOPENHAUER**

Orientador: Professor Dr. Danilo Bilate

Seropédica
2023

**O SER ENQUANTO VONTADE: UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE DORES DO
MUNDO EM SCHOPENHAUER E O ROMPIMENTO DO CICLO DO
SOFRIMENTO EXISTENCIAL**

Bianca Thiele Loureiro Costa

Aprovada em 17/03/2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Danilo Bilate (Orientador – UFRRJ)

Prof. Dr. Walter Valdevino (UFRRJ)

Prof. Dr. Affonso Henrique Vieira da Costa (UFRRJ)

Conceito final: _____

Agradeço ao meu orientador Danilo Bilate, por todo o apoio, orientação e paciência durante a construção deste trabalho. Agradeço também a todos os professores da UFRRJ e aos colegas de curso que realmente fizeram diferença na minha jornada e na construção do meu saber.

Agradeço aos meus pais amados por todo o suporte e acolhimento de sempre, que foram fundamentais durante esta graduação. Agradeço ao meu esposo e melhor amigo pelo apoio em todos os âmbitos e pela constante troca de conhecimentos.

Agradeço aos familiares e amigos que sempre estiveram presentes, me apoiando em todas as decisões. E agradeço a minha psicóloga, Lucierre Duarte, que também me apoiou durante a construção desta monografia e tem sido muito importante no meu processo de autoconhecimento.

RESUMO

O objetivo desta monografia é analisar o conceito de Vontade na filosofia de Arthur Schopenhauer, contextualizando a ideia de dores do mundo que reflete na condição existencial dos seres humanos. Partindo deste princípio, este trabalho tem também o intuito de abordar as vias que o autor aponta como possíveis soluções para o problema da Vontade: a estética e a ascética.

Palavras-chave: Schopenhauer. Vontade. Representação. Sofrimento.

ABSTRACT

The purpose of this monograph is to analyze the concept of Will in Arthur Schopenhauer's philosophy, contextualizing the idea of pain in the world that reflects on the existential condition of human beings. Based on this principle, this work also intends to address the author points out as possible solutions to the problem of Will: aesthetics and ascetics.

Keywords: Schopenhauer. Will. Representation. Suffering.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. A ESSÊNCIA DA TOTALIDADE: A EXISTÊNCIA ENQUANTO VONTADE.....	04
3. O SOFRIMENTO DAS DORES DO MUNDO.....	10
4. A SUPRESSÃO DA VONTADE E A LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO.....	16
4.1. A arte	18
4.2. Ética e ascetismo	20
5. CONCLUSÃO	23
6. BIBLIOGRAFIA	24

1. INTRODUÇÃO

Frequentemente associado a uma teoria filosófica de cunho pessimista, Arthur Schopenhauer publicou em 1818 sua principal obra, que aponta uma realidade composta por elementos que resultam em um estado natural e permanente de sofrimento: *O Mundo como Vontade e Representação*. Sob um contexto ontológico, Vontade e representação são Conceitos primordiais que fundamentam a concepção de mundo segundo o autor.

Schopenhauer inicia sua grande obra a partir da seguinte afirmação: “o mundo é minha representação”. Partindo deste princípio, ele afirma a existência de uma verdade universal e incontestável que abrange todos os seres: a representação. Todos os seres vivos que compõem o mundo, bem como os outros entes e toda a extensão da realidade ao seu redor são representações de uma essência que não pode ser conhecida. Através da racionalidade, que seria o apanágio do homem, os conceitos acerca dos objetos são formados posteriormente a uma percepção que ocorre em consequência dos sentidos. Entretanto, Schopenhauer frisa que as sensações que o homem pode experimentar, originando assim uma percepção que seu entendimento é capaz de converter em conceitos, são aquilo que o filósofo designa como representações. Ora, ainda que o homem seja dotado de faculdades que o transformam em uma criatura pensante e racional, a percepção é incapaz de ser abrangente à essência de todo e qualquer ente. Logo, aquilo que passa pelo entendimento humano se designa em algo como um objeto, ou seja, representação.

Se opondo ao materialismo, Schopenhauer afirma que o mundo não existe sem o sujeito que o percebe: todos os objetos que existem, existem em função de um sujeito. Assim sendo, as representações são fenômenos que se inserem nesta relação entre o sujeito e a *coisa-em-si*. Em sua natureza corpórea, o homem é designado igualmente como objeto, entretanto, seu intelecto lhe confere a condição de sujeito. Na teoria schopenhaueriana, o homem enquanto sujeito é capaz de conhecer, mas não pode ser conhecido, tendo em vista que a existência atribuída a um objeto demanda a percepção de um sujeito, e, neste caso, se todos os seres pensantes ocupassem o posto de objetos, não haveria sujeitos para formar esta relação.

O outro conceito schopenhaueriano que também estrutura a teoria do filósofo é a Vontade, também designada por ele como uma verdade universal e absoluta que abrange toda

a realidade. Sem a Vontade, não haveria a representação, em vista de que as representações são manifestações desta Vontade, que dá origem a todos os processos naturais presentes no mundo.

A Vontade, de acordo com o pensamento do autor, é a *coisa-em-si*: a essência de toda a natureza e todas as coisas que vivem, crescem e respiram. Trata-se de uma essência que está além dos animais e seres humanos; ela conduz a existência de todo o universo e de todo e qualquer movimento; bem como a gravidade e todas as interações físicas e químicas. Embora a totalidade do mundo seja regida por ela, não é possível ter acesso à coisa-em-si, apenas aos fenômenos derivados dela. Considerando que a Vontade tem suas próprias finalidades e trabalha a favor da satisfação de todas elas, Schopenhauer atribui a ela a perpetuação de todos os movimentos universais e a preservação de todas as espécies do planeta.

Nos irracionais, a Vontade se manifesta através do instinto: os animais nascem, caçam a fim de assegurar sua sobrevivência, fogem de predadores, procriam e morrem; e este ciclo se repete continuamente. Desta forma, a Vontade perpetua a espécie e alcança seus fins. Na espécie humana, além da manifestação instintiva, por ser uma espécie dotada de racionalidade e consciência, a Vontade se executa também por meio da própria razão, conduzindo o homem a um ciclo perpétuo de desejos. Embora nos animais a Vontade se apresente de forma coletiva, abrangendo a totalidade da espécie, nos seres humanos essa manifestação é complementada por outra, de forma particular e individual: cada sujeito é dotado de desejos distintos, mas o que possuem em comum é uma cadeia de desejos sem fim. Essa Vontade individual permite a cada sujeito uma crença ilusória de liberdade frente a sua própria existência, entretanto, Schopenhauer aponta que essa diversidade e individualidade de desejos trabalham unicamente a favor de uma Vontade maior, a universal.

A Vontade é irracional, embora a espécie humana seja composta por seres pensantes. Ela é cega, voraz e completamente insaciável: conduz o homem a um ciclo infinito do querer, onde cada desejo realizado é substituído por outro, ainda inalcançado. Desta forma, nos deparamos com aquilo que é considerado pessimista na teoria schopenhaueriana: esta cadeia de desejos insaciáveis atinge o homem por meio de um impacto doloroso, levando-o a um ciclo eterno de sofrimento, na medida em que sempre lhe ocorrerá a dor de um querer não atingido, inalcançado, bem como muitos desejos inalcançáveis à sua própria condição existencial.

Desta forma, o filósofo elucida que todos os prazeres são ilusórios, e o mundo pode ser considerado um vale de lágrimas. O sofrimento é um estado natural comum a todas as coisas,

e todos os prazeres são limitados ao instante em que desejos são satisfeitos, para posteriormente serem substituídos por novas dores. Existe qualquer possibilidade de fuga desta condição dolorosa? Schopenhauer, a princípio, demonstra que não: as finalidades da Vontade conduzem ao sofrimento na espécie humana, bem como a falta dela resultaria naquilo que o autor chama de um tédio esmagador, um profundo vazio existencial. Entretanto, a teoria schopenhaueriana também discorre sobre alternativas que levam a uma atenuação desta Vontade, reduzindo o sofrimento do mundo.

Assim, o objetivo desta monografia é abordar este conceito de Vontade, demonstrando suas manifestações e fenômenos ocasionados por ela. Com embasamento neste âmbito da teoria schopenhaueriana, abordarei também a questão das dores do mundo, apontando que, de acordo com o próprio autor, existem vias capazes de suprimir a Vontade, conduzindo a uma redução do ciclo de sofrimento que tange a condição existencial.

2. A ESSÊNCIA DA TOTALIDADE: A EXISTÊNCIA ENQUANTO VONTADE

O presente trabalho se iniciará ressaltando a importância de ter em mente que a Vontade, o termo atribuído àquilo que se entende por coisa-em-si na teoria schopenhaueriana, não é passível de substituição por qualquer outra palavra. À luz das palavras do próprio autor, compreenderemos melhor o contexto que tange a denominação deste conceito:

Também me compreenderá mal quem pensar que é indiferente se indico a essência em si de cada fenômeno por vontade ou qualquer outra palavra. Este seria o caso se a coisa-em-si fosse algo cuja existência pudéssemos simplesmente DEDUZIR e, assim, conhecê-la apenas mediatamente [...]. Então se poderia denominá-la como bem se quisesse. O nome seria um mero sinal de uma grandeza desconhecida. Contudo, o termo VONTADE que, como uma palavra mágica, deve desvelar-nos a essência mais íntima de cada coisa na natureza, de modo algum indica uma grandeza desconhecida, algo alcançado por silogismos, mas sim algo conhecido por inteiro, imediatamente, e tão conhecido que, aquilo que é vontade, sabemos e compreendemos melhor do que qualquer outra coisa, seja o que for. (MVR¹, § 22, p. 170)

O título da obra em que este trabalho se baseia, “O Mundo como Vontade e Representação”, se refere efetivamente ao mundo como Vontade enquanto coisa-em-si e sua relação com todos os seus fenômenos, as representações. O conceito de Vontade é o único que não é obtido através de tais fenômenos, pelo contrário, ele se refere precisamente à essência do mundo, abrangente a todos os fenômenos. Portanto, é importante ressaltar que não se trata de uma simples discussão de palavras, mas de conceitos, a fim de que aquilo designado pelo autor enquanto VONTADE – constantemente aqui mencionado – não seja interpretado de forma equivocada.

Este conceito por muito tempo foi erroneamente remetido à ideia de força, por exemplo. Este equívoco, de acordo com o filósofo, se dá pelo fato de que o conceito de força é extraído de uma representação intuitiva: as representações intuitivas, ao contrário das representações abstratas, não são filtradas pela racionalidade para que sejam convertidas em conceitos; trata-se de um tipo de representação experimentada pelos sentidos. Neste contexto, percebemos que a ideia de força se classificaria como um fenômeno na medida em que está inserida na ideia de espaço e tempo, algo que a etiologia poderia explicar facilmente. Ora, se concluirmos, assim, que a ideia de força se classifica como um fenômeno, trata-se de mera representação, logo, este conceito não pode ser atribuído à essência do mundo. Ao contrário do que acontece com a coisa-em-si, o conhecimento daquilo que viria a caracterizar a ideia de força, a priori, é compatível

¹ Sigla referente a obra O Mundo como Vontade e Representação, de Arthur Schopenhauer.

com o princípio de razão suficiente, submetendo-se a ele. O conceito de Vontade, em contrapartida, não se extrai a partir de representações, mas a partir do conhecimento verdadeiro que é obtido quando todas as representações são retiradas dos entes; é a essência remanescente, destituída de todas as formas. A Vontade não se extrai dos fenômenos, mas existe sobre os fenômenos, sendo o núcleo que os governa.

O mundo é dotado de múltiplas representações: fenômenos distintos que coexistem em diferentes estados e formas. A Vontade, entretanto, é livre de qualquer pluralidade: ela conduz toda essa cadeia de manifestações abundantes e diversificadas que trabalham ao seu favor, mas ela é *una*, sendo puramente essência. Quando apontamos que esta Vontade é *una*, não se trata de unidade, no mesmo sentido em que uma representação seria atribuída a um número; mas sim na medida em que esta Vontade é exterior a todas as representações. O princípio de razão suficiente – sendo este classificado por Schopenhauer como um princípio universal no qual se submetem todos os conhecimentos a priori – abrange toda esta multiplicidade de fenômenos provenientes Vontade; cada único fenômeno é suscetível a ele, mas isso se aplica somente aos fenômenos, nunca à coisa-em-si.

É preciso ressaltar que na teoria schopenhaueriana o princípio de razão suficiente é dotado de quatro figuras distintas que compõem a sua base: o princípio do devir, o princípio do conhecer, o princípio do ser e o sujeito da Vontade. O princípio do devir é voltado para as relações e vínculos dos objetos; o princípio do conhecer se direciona aos juízos, à capacidade do intelecto de formar e identificar conceitos; o princípio do ser abrange a relação de espaço e de tempo, pressupondo que a existência de qualquer condição material é somente possível dentro desta relação; e o sujeito da Vontade, afinal, é aquele que se percebe enquanto indivíduo a partir de sua natureza corpórea.

Desta forma, embora todas as representações estejam submetidas ao princípio de razão suficiente, a Vontade não pode se submeter a ele, considerando o fato de não se enquadrar em nenhuma das quatro figuras de sua raiz. Assim, portanto, o próprio autor evidencia que a Vontade não tem fundamento. *Ela* é livre da vasta pluralidade que tange o mundo enquanto representação, se encontrando fora do *principium individuationis* (espaço e tempo). E além da perspectiva desta realidade provocada pelas representações, existe o mundo como Vontade, não identificável por qualquer ser além daquele que se encontra sobre o domínio da razão.

Diante de tamanha multiplicidade de fenômenos impulsionados pela Vontade, a racionalidade é destacada pelo autor como o mais nítido, em vista de que apenas a faculdade de pensar é capaz de proporcionar a reflexão necessária para reconhecer a Vontade como alicerce da consciência do homem. Através da razão, ele alcança a convicção da existência de uma coisa-em-si que impulsiona os seus atos individuais, podendo, assim, perceber a Vontade enquanto parte de si mesmo, precedendo uma percepção que se voltaria para a Vontade já em forma de representação. Essa convicção implica alcançar o verdadeiro conhecimento do mundo em essência, pois essa reflexão possibilita o acesso a coisa-em-si, não sucumbindo diante dos fenômenos. Logo, este ser pensante será capaz também de identificar outras manifestações da Vontade externas a sua própria racionalidade e espécie: a coisa-em-si se projeta sobre toda a natureza; ela não é uma força, mas é o que faz com que qualquer força exista, com o único intuito de alcançar seus fins. Sobre este que se encontra sobre o exercício de sua razão, Schopenhauer pontua:

A reflexão continuada o levará a reconhecer que também a força que vegeta e palpita na planta, sim, a força que forma o cristal, que gira a agulha magnética para o pólo norte, que irrompe do choque de dois metais heterogêneos, que aparece nas afinidades eletivas dos materiais como atração e repulsão, sim, a própria gravidade que atua poderosamente em toda matéria, atraindo a pedra para a terra e a terra para o sol, - tudo isso é diferente apenas no fenômeno, mas conforme sua essência em si é para se reconhecer como aquilo conhecido imediatamente de maneira tão íntima e melhor que qualquer outra coisa e que, ali onde aparece do modo mais nítido, chama-se VONTADE. (MVR, § 21, p. 168)

Não há outras vias para acessar a Vontade senão através da racionalidade, nem mesmo a etiologia poderia alcançá-la. Tamanho seria o equívoco diante de qualquer crença de que o estudo das origens dos fenômenos poderia obter qualquer conhecimento que avança para além das representações. Levando em consideração o fato de que qualquer teoria etiológica se limita aos fenômenos inseridos no espaço e tempo; podemos afirmar que esse estudo tem o foco apenas nas representações, nas manifestações da Vontade, sem qualquer possibilidade de alcance de sua essência.

Embora a racionalidade seja de fato capaz de identificar propriamente a coisa-em-si, Schopenhauer evidencia que o conhecimento não é uma condição necessária para o exercício da Vontade, em qualquer que seja o âmbito. Na natureza e nos seres não racionais, ela se executa de forma completamente cega e irracional, ocorrendo através de causas ou excitações. No homem, por outro lado, o agir da Vontade não será sempre cego; ele poderá acontecer também acompanhado do conhecimento, porém, tal conhecimento não é maior que o agir da coisa-em-si a ponto de dominá-lo. A Vontade irá afirmar-se independente de qualquer representação.

Partindo deste princípio, considerando que não existe qualquer condição necessária para a ação da coisa-em-si, o homem pode finalmente começar a entendê-la como essência do mundo; identificando esta mesma Vontade movendo fenômenos que eram alheios à sua percepção anteriormente.

Para melhor demonstrar tal convicção, o autor menciona alguns exemplos de fenômenos da natureza e de seres não pensantes que são impulsionados pela Vontade em uma série de atos que não necessitam das representações para que de fato se sucedam. Estes atos se classificam em duas categorias: causa e excitação. Entendemos como causa os fenômenos naturais inorgânicos, onde a existência de uma determinada matéria posteriormente se modifica para dar lugar a um outro estado de matéria, gerando um efeito completamente proporcional à sua causa. A excitação, por outro lado, é um tipo de causa que abrange todos os atos e efeitos dos corpos orgânicos, não sofrendo, assim, qualquer tipo de reação considerada proporcional ao seu efeito. Desta forma, podemos entender melhor a ação da Vontade em diferentes fenômenos e seres quando passamos a identificá-la enquanto essência do mundo. No livro II de *O Mundo como Vontade e Representação*, há um ponto de partida considerável para termos em mente ao pensar na ideia de coisa-em-si:

Tanto quanto os primeiros raios da aurora e os intensos raios do meio-dia têm o mesmo nome de luz do sol, assim também cada um dos aqui mencionados casos tem de levar o nome de VONTADE, que designa o ser em si de cada coisa no mundo, sendo o único núcleo dos fenômenos. (MVR, § 23, p. 178)

Assim, alcançamos a convicção que o mundo é efetivamente Vontade. Ela está presente em todos os fenômenos nos quais podemos pensar: seja por excitação, como no caso do crescimento das vegetações; nos processos de fotossíntese; no instinto que guia todas as espécies de animais em sua existência de forma conveniente; e em tudo aquilo que tange o ser pensante e sua inserção no mundo enquanto tal. Desta forma, a Vontade abrange mesmo os fenômenos que mais se desviam de qualquer similaridade com a natureza humana, ocorrendo através das causas: como no caso da formação de rochas e minerais; na força que proporciona habitats favoráveis às condições de vida das mais variadas espécies de seres que vivem no planeta Terra; na gravidade que mantém nossos pés sobre o solo; nos corpos e movimentos celestes; no processo que vai desde a formação de nuvens até a chuva e o raio; no movimento de elétrons que provoca a eletricidade; na força que possibilita o magnetismo que atrai dois diferentes estados materiais de forma voraz até a colisão; na transformação da matéria que se submete ao fogo, bem como em todas as demais interações físicas e químicas que ocorrem na natureza.

A Vontade não impõe demandas para afirmar-se, tampouco necessita previamente de qualquer representação ou traço de racionalidade para se manifestar. Por exemplo: sabemos que, instintivamente, a ave choca seus ovos com o propósito de aquecê-los e possibilitar o desenvolvimento de seus embriões, para que possam vir ao mundo. Isso acontece sem qualquer tipo de acesso ao conhecimento. O animal simplesmente executa a sua função conforme o instinto, não necessitando de qualquer representação como referência para fazê-lo. Neste caso, trata-se da Vontade agindo cegamente em favor da perpetuação desta espécie, ocorrendo por excitação. O mesmo acontece com todos os animais que naturalmente reproduzem os mesmos comportamentos característicos a cada espécie, cuja finalidade é assegurar a perpetuação de seu ciclo de sobrevivência e reprodução.

Algumas espécies de lagartos, por exemplo, desprendem a cauda do corpo quando se sentem ameaçados por outro animal; o que facilita a fuga deste réptil quando o predador voltar sua atenção para a cauda solta. Trata-se de um mecanismo de defesa puramente instintivo e natural a algumas espécies, e os animais que executam esta ação não foram ensinados a fazê-lo com qualquer tipo de representação prévia. Cada espécie manifesta diferentes características comportamentais de acordo com suas necessidades, mas o instinto que impulsiona atos inconscientes é algo comum a todas as espécies de animais. Este instinto lhes confere aquilo que é necessário para a sua preservação, sendo a coisa-em-si a única razão pela qual existe tal instinto. Podemos afirmar que todo o ciclo de vida composto por reprodução, caça, adaptação, evolução e sobrevivência no mundo animal são afirmações da Vontade em busca do alcance de seus fins, executando-se sem qualquer demanda de representação ou racionalidade. Desta forma, quando adquirimos algum conhecimento acerca dos mais comuns aos mais peculiares hábitos dos animais, frequentemente concebemos uma ideia de perfeição associada à natureza, mediante a aparente conveniência que há em cada detalhe que a compõe e em cada impulso comportamental das espécies. Poderíamos até mesmo dizer, em sentido não literal, que a natureza trabalha de forma inteligente. Ora, quando obtermos tal impressão, estamos contemplando o fato de que todos os fenômenos trabalham a serviço da coisa-em-si.

Isso se aplica não somente a todos os organismos, mas também aos fenômenos e entes que não possuem uma natureza corpórea orgânica, com qualquer semelhança ao homem ou animal. Estes fenômenos são opostos àqueles que ocorrem por excitação, todavia, isso não os torna alheios ao domínio da coisa em si: o autor ressalta que a essência da totalidade abrange também as forças do mundo inorgânico. Ao nos depararmos com as forças da natureza gerando

fenômenos de origem puramente material, contemplamos fenômenos destituídos de individualidade, racionalidade ou instinto, que funcionam de acordo com leis universais. Desta forma, estes não se dão através das excitações, mas embora ocorram pelas causas, são igualmente regidos pela coisa-em-si, compartilhando da mesma essência que o homem e os demais entes do mundo orgânico. O homem começa, então, a identificar nestes fenômenos a mesma força que se executa sobre seu próprio ser, a mesma força que move todos os seus desejos e impulsos corpóreos; e partindo deste princípio, alcança a mais pura forma de conhecimento, descobrindo, enfim, a essência do mundo.

3. O SOFRIMENTO DAS DORES DO MUNDO

Quando Schopenhauer atribui à vida um fluxo de dor e sofrimento de caráter definitivo, isto está diretamente relacionado à objetivação da Vontade e sua imponente busca por seus fins, que impacta a todos os seres. Por esta razão, este conceito foi introduzido no capítulo anterior, servindo como base para contextualizar a condição de sofrimento inerente à existência, da qual obteremos maior clareza no presente capítulo. Analisaremos a coisa-em-si enquanto essência também das dores do mundo, estabelecendo uma relação com o ciclo do querer que domina, sobretudo, o ser racional. Para melhor compreendermos a questão das dores do mundo e a forma como o sofrimento se debruça sobre a humanidade, analisaremos a afirmação da Vontade sob uma perspectiva voltada ao sujeito detentor do conhecimento.

O filósofo evidencia a dor enquanto finalidade única de todos os organismos:

Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode-se dizer que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra. (SCHOPENHAUER, *As Dores do Mundo*², p. 25).

A dor, neste sentido, não se classifica como um estado de espírito inserido em um espaço de tempo passageiro, que esporadicamente viria a apoderar-se do homem para então dissipar-se, retornando então a outro estado de espírito, oposto ao primeiro. A teoria schopenhaueriana afirma precisamente o contrário: a dor é o único estado natural comum a todos os seres. O ciclo individual de sofrimento se encerra somente através da morte, quando o indivíduo retorna à condição de não ser, anterior ao seu nascimento. Entretanto, a Vontade assegura a preservação da espécie, e desta forma, o ciclo do sofrimento se mantém, refletindo em todas as demais existências que permanecem.

Como visto anteriormente, a essência de toda a natureza reside em uma Vontade insaciável e voraz, que se afirma tanto sobre seres orgânicos quanto sobre fenômenos inorgânicos, a todo momento em busca de objetivação. Desta forma, o mundo gira em torno deste único núcleo, sempre mediante esforços, empenhando todas as forças que trabalham unicamente em prol do alcance destes fins. E embora a Vontade seja abrangente também à matéria inorgânica, ao evidenciar a vida como sofrimento, o olhar do autor direciona-se aos

² Edição brasileira da editora Edipro, que consiste em um compilado de textos de Schopenhauer divididos por temas: o amor, a morte, a arte, a moral, a religião, a política e o homem e a sociedade.

fenômenos dados por excitações, ou seja, os corpos orgânicos. Todos os seres vivos têm sua existência fundamentada nas exigências da Vontade, e o sofrimento do mundo reside justamente na movimentação que ocorre repetidamente em torno de algo que jamais cessará.

No que se refere à natureza humana, o filósofo salienta que o espírito mais elevado – cujo apanágio é a razão – é o mais submetido ao sofrimento, referindo-se precisamente à forma como o único sujeito ligado a um corpo dotado da faculdade de pensar é acometido pela coisa-em-si: a este sujeito, a Vontade impõe necessidades e desejos, sucessivamente, sempre implicando uma falta; um desejo que, se não satisfeito, conseqüentemente conduzirá a um estado de sofrimento. Neste processo, o sofrimento ocorre não apenas quando o indivíduo tem seus desejos negados, mas o próprio processo de busca por tal satisfação é doloroso por si só, continuamente gerando a angústia de não ter aquilo que tanto se almeja. Nas palavras do autor “o homem, como objetivação perfeita da Vontade, é, em conformidade com o dito, o mais necessitado de todos os seres. Ele é querer concreto e necessidade absoluta, é uma concretização de milhares de necessidades” (MVR, § 57, p. 402).

A racionalidade, intrínseca ao homem, ao mesmo tempo em que lhe permite o exercício de uma reflexão capaz de reconhecer até mesmo a coisa-em-si como essência do mundo e de si próprio, conduz este mesmo indivíduo à identificação de seus próprios desejos, juntamente com as sensações e emoções que os acompanham. Desta forma, o homem não se assemelha aos animais, que sofrem a objetivação da Vontade de uma forma mais restrita, limitada ao instinto, onde a demanda envolve apenas a satisfação de necessidades fisiológicas e comuns a cada espécie. Se tratando de uma espécie provida de razão, as necessidades vão além, colocando-a em uma posição de maior sofrimento da objetivação da Vontade. E a questão central deste problema se deve ao seguinte fato: se tratando da natureza humana, a realização de um único desejo não é o bastante para suprimir sua vontade e proporcionar um estado contínuo de satisfação e bem-estar. Nos racionais, a consciência sempre possibilitará meios de potencializar o sofrimento, seja através de expectativas referentes ao seu querer, noções acerca das reais possibilidades e obstáculos que se colocam entre seus desejos ou percepção de tempo – passado, presente e futuro. A racionalidade possibilita um entendimento que conduz a uma vasta cadeia de desejos relacionados a todos os diferentes âmbitos que compõem cada existência; assim, um desejo alcançado imediatamente dará lugar a outro, e este ciclo do querer se perpetua, sem que o homem possa alcançar a almejada felicidade de forma permanente. Aquilo que se entende por felicidade seria um composto de sensações provenientes da satisfação que ocorre no instante

fugaz em que angústia e infelicidade se ausentam, diante do alcance de um querer que, até o presente momento, projetava-se sobre o homem e lhe consumia o espírito. Trata-se da brevidade que reside entre a satisfação de um desejo e a substituição deste por outro. Ora, se a insatisfação é a fonte de todo sofrimento que tange a humanidade, é impossível que a felicidade decorrente da realização de cada uma das demandas impostas pela Vontade sobre o homem seja um estado constante. A única possibilidade de gozar de tal felicidade – não de forma permanente, mas com maior frequência – estaria no fato de que “quando desejo e satisfação se alternam em intervalos não muito curtos nem muito longos, o sofrimento ocasionado por eles é diminuído ao mais baixo grau, fazendo seu decurso de vida o mais feliz possível” (MVR, § 57, p. 404). Assim sendo, permanece a convicção de que a única constância irrefutável é a afirmação da Vontade, que efetivamente levará o homem, como tal, a experimentar o estado de sofrimento permanente que tange sua condição de ser. A infelicidade é, então, o estado natural comum a toda existência, e a ideia de constância em qualquer estado oposto a este, como a felicidade e o prazer, é mera ilusão.

Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado é o ser, mais sofre... A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente, pelos séculos dos séculos, até que nosso planeta se faça em bocados. (SCHOPENHAUER, As Dores do Mundo, p. 39)

A racionalidade confere ao homem a condição de manifestação mais imediata da Vontade. Esta condição de indivíduo capaz de experimentar as representações do mundo de forma intelectualmente consciente, o coloca no centro destas representações, se considerarmos a relação sujeito-objeto. As representações desapareceriam sem a existência corpórea e intelectual deste ser que as percebe, assim, portanto, ele é a Vontade objetivada imediatamente, sendo todas as demais manifestações desta Vontade representações mediatas, subordinadas à existência corpórea do sujeito.

Seu corpo, dotado de múltiplas funções, executa movimentos voluntários que se configuram, indubitavelmente, como atos da Vontade se afirmando através deste. Estes atos se relacionam com o seu querer, mas é importante ressaltar a impossibilidade de que tais atos venham a exprimir a essência de todo o querer do homem, de forma geral. Expressam, todavia, apenas um querer condicionado ao contexto em que se insere este sujeito, mediante as circunstâncias do presente momento. Diferente dos animais, por exemplo, cujo corpo executa

movimentos instintivos diante do que é fisiológico e necessário à sua sobrevivência, os seres humanos, quando expostos a circunstâncias da mesma natureza, executam movimentos voluntários, racionalmente, que exprimem em tal circunstância uma afirmação da Vontade sobre o corpo. Assim, o autor afirma que toda e qualquer ação sobre este corpo afetará diretamente o sujeito, de acordo com a demanda de sua própria Vontade: todos os atos e movimentos que a atendem ou negam provocarão sensações em consequência. Estas ações se relacionarão com as funções deste corpo, potencialmente influenciando-as, positiva ou negativamente, através de estímulos que podem ou não satisfazer a vontade do indivíduo em questão, provocando sensações como dor ou prazer, por exemplo. Isso não se aplica apenas às necessidades fisiológicas do sujeito, mas ao querer abrangente a todo desejo que se manifesta mediante sua vontade. O filósofo afirma que:

Desde o primeiro instante de aparecimento de sua consciência, o homem se acha como um ser que quer, e, via de regra, seu conhecimento permanece em constante relação com a vontade. Ele primeiro procura conhecer plenamente os objetos do querer; em seguida os meios para eles. Sabe, então, o que tem de fazer e, via de regra, não se empenha por outro conhecimento. Age e impele-se, sua consciência sempre trabalha direcionada ao alvo de seu querer, mantendo-se atento e ativo, e seu pensamento concentra-se na escolha dos meios. Assim é a vida de quase todos os homens. Querem, sabem o que querem e esforçam-se em favor disso com sucesso suficiente para protegerem-se do desespero, e suficiente fracasso para protegerem-se do tédio. [...] A maioria das pessoas é em suas vidas perseguida pela necessidade que não lhes permite chegar à circunspeção. Por outro lado, a vontade amiúde inflama-se a um tal grau de afirmação, que em muito excede a afirmação do corpo; neste caso, mostram-se afetos veementes e paixões violentas, nos quais o indivíduo não somente afirma a própria existência, mas nega a dos outros, procurando suprimi-las quando obstam o seu caminho. (MVR, § 60, p. 421).

Nesta passagem nos deparamos com uma breve menção do autor à relação do homem com o tédio, indicando que, simultaneamente ao estado de sofrimento incessante, também há uma intrigante conveniência da Vontade frente à existência; assunto do qual trataremos ao final deste capítulo. No fragmento destaca-se também a colocação de Schopenhauer que aponta toda existência humana como uma constante fuga de todas as angústias e desespero que atormentam o homem mediante a privação de sua vontade. Cada indivíduo possui o impulso natural de evitar o domínio da ruína sobre sua existência, caminhando em círculos em busca de meios para não sucumbir às angústias geradas por todas as expectativas que envolvem o seu querer, seja qual for o custo. Assim, o homem fatalmente será tomado pelo egoísmo, potencialmente desempenhando todos os tipos de ações julgadas por ele necessárias, mesmo aquelas condenáveis por outrem, como a crueldade e a aniquilação.

Ao mencionarmos repetidamente o homem – em sua condição de sujeito racional que sofre objetivação da Vontade – devemos ter em mente o seu caráter individual. A razão é o que

atribui esta individualidade ao sujeito, possibilitando uma atuação da Vontade de forma particular a cada pessoa, ocasionando diferentes impactos sobre os indivíduos. Todavia, devemos frisar que a individualidade não pode ser, de forma alguma, confundida com todos os pormenores que compõem o conceito de liberdade entendido pela teoria schopenhaueriana. A diversidade que reside nas manifestações individuais da Vontade universal sobre os seres pensantes, bem como a capacidade destes de realizar escolhas racional e voluntariamente, resultam em uma crença popular de liberdade que, partindo do senso comum, indica uma equivocada noção deste conceito de forma abrangente aos atos executados por cada sujeito. Aquilo que julgamos por liberdade de ação não se sustenta, mesmo quando o indivíduo se propõe, opcionalmente, a agir de forma oposta àquela desejada. Isso se deve ao fato de que, ainda que não existam obstáculos físicos que impeçam as ações deste sujeito, ainda habitará nele todas as necessidades e anseios impostos por sua vontade individual. Para que essa suposta liberdade seja possível, aquele que se esquivava de seu querer necessariamente teria que *desejar* agir como tal, realizando movimentos e escolhas coerentes com sua própria vontade. A noção de liberdade em Schopenhauer está ligada à ausência de necessidades, portanto, o agir individual e desprovido de obstáculos sobretudo físicos não pressupõe liberdade, efetivamente, considerando a impossibilidade de negação da Vontade do sujeito e, conseqüentemente, de seu querer. Neste contexto, eis um complemento nas palavras do filósofo:

É, portanto, impossível estabelecer uma conexão entre o conceito original e empírico da liberdade, que se relaciona unicamente com a potência do agir, e o conceito do livre-arbítrio, que se refere exclusivamente à potência do querer. Esta é a razão por que foi necessário, a fim de poder, no mínimo, distender à vontade o conceito geral de liberdade, fazê-la passar por modificação que a tornou bem mais abstrata. Foi esse fim atingido em fazendo consistir a liberdade na simples *ausência de toda a força necessitante*. [...] Seja como for, o vocábulo *livre* significa o *que não é necessário sob relação alguma*, o que independe de toda razão suficiente. Pudessemos semelhante atributo convir à vontade humana, indicaria isso que uma vontade individual, nas suas manifestações externas, não é determinada por nenhum motivo nem por razões de qualquer espécie, dado que, em caso contrário, a consequência resultante de determinada razão, seja essa da espécie que for, intervindo sempre segundo uma lei de necessidade absoluta, os seus atos não mais seriam livres, mas sim constrangidos por necessidade. (SCHOPENHAUER, O livre-arbítrio³, pp. 26-27).

Considerando que aquilo que se entende por liberdade é algo inalcançável ao homem sob domínio da Vontade, a supressão da Vontade poderia ser uma via única para reverter este fato. Contudo, antes de abordarmos, no capítulo seguinte, questões relacionadas à possibilidade de supressão da Vontade, nos deparamos com algo a ser levado em consideração: seria possível

³ Edição brasileira da editora Nova Fronteira, baseada em um ensaio escrito e enviado por Arthur Schopenhauer à Academia Real da Noruega.

atribuir à liberdade um caráter positivo se ela culmina na ausência de qualquer tipo de manifestação de força? No que diz respeito a esta ausência de esforços, o pensador afirma que “essa noção conserva o caráter negativo que lhe reconheci desde o início. O que urge estudar é o conceito de *necessidade*, como conceito positivo indispensável para estabelecer o verdadeiro significado do conceito negativo de liberdade” (SCHOPENHAUER, O livre-arbítrio, p. 26).

Esta questão nos conduz diretamente a outra: se a não necessidade de esforços é apontada pelo autor sob uma perspectiva negativa; logo, a Vontade, enquanto força universal que impulsiona todos os fenômenos, poderia refletir algum aspecto positivo sobre a humanidade, mesmo condicionando-a todo o ciclo do sofrimento paralelo ao querer? Vejamos a seguinte passagem:

Vimos na natureza destituída de conhecimento que a essência íntima dela é um esforço interminável, sem fim, sem repouso, o que nos aparece muito mais distintamente na consideração do animal e do homem. Querer e esforçar-se são sua única essência, comparável a uma sede insaciável. A base de todo querer, entretanto, é necessidade, carência, logo, sofrimento, ao qual consequentemente o homem está destinado originariamente pelo seu ser. Quando lhe falta o objeto do querer, retirado pela rápida e fácil satisfação, assaltam-lhe vazio e tédio aterradores, isto é, seu ser e sua existência mesma se lhe tornam um fardo insuportável. Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e para acolá, entre a dor e o tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos. [...] Após o homem ter posto todo sofrimento e tormento no inferno, nada restou para o céu senão o tédio. (MVR, § 57, pp. 401-402).

A Vontade não poderia ser denominada enquanto positiva ou negativa, mas certamente, à luz do pensamento de Schopenhauer, podemos afirmar sua necessidade frente à existência humana. Através da Vontade, o homem é preenchido pela essência do movimento, da força. Trabalha a favor desta Vontade com todo o seu ímpeto: pelo medo da morte, empenha-se em evitá-la a todo momento, buscando todos os meios de preservação de sua natureza corpórea; tomado pelas paixões românticas, entrega-se ao ato sexual, procriando e perpetuando a espécie; em busca egoísta de cessar seu sofrimento e angústia, comete todos os atos que conduzem à satisfação de seu querer; e para fugir do tédio, por fim, ocupa-se em desejar, continuamente. O homem é a Vontade objetivada, desta forma, embora seja esta a única fonte de toda a angústia vinculada a sua existência, é esta mesma Vontade que o impede de sucumbir à uma condição ainda mais insuportável: o tédio resultante da ausência da Vontade.

4. A SUPRESSÃO DA VONTADE E A LIBERTAÇÃO DO ESPÍRITO

Como visto anteriormente, entre o tédio e o desespero, onde se encontra a humanidade subjugada às forças da Vontade, a busca pela satisfação do querer permanece em seu repetitivo – e interminável – ciclo de angústias. Entretanto, tal condição pode deparar-se com uma súbita interrupção:

Quando uma circunstância estranha ou a nossa harmonia interior nos arrebatam por um momento à torrente infinita do desejo, nos livra o espírito da opressão da Vontade, nos desvia a atenção de tudo que a solicita, e as coisas nos aparecem desligadas de todos os prestígios da esperança, de todo interesse próprio, como objetos de contemplação desinteressada e não de cobiça; é então que esse repouso, frustrantemente procurado nos caminhos abertos do desejo, mas que sempre nos fugiu, se apresenta e nos dá o sentimento da paz em toda a sua plenitude. (SCHOPENHAUER, *As Dores do Mundo*, p. 94)

A própria filosofia schopenhaueriana evidencia possíveis meios para o rompimento deste ciclo, culminando na libertação das dores do mundo. No presente capítulo analisaremos, por fim, as vias que, de acordo com o pensamento do autor, possibilitam desde a atenuação até a total supressão da Vontade: a arte e o ascetismo.

Para compreendermos como a contemplação estética e a vida asceta viabilizam a paz e a plenitude obtidas a partir do descanso das dores do mundo, é necessário analisar o sujeito em dois diferentes aspectos: o homem enquanto indivíduo e o homem enquanto sujeito que conhece.

Enquanto indivíduo, o homem é o sujeito ligado ao corpo, submetido à quádrupla raiz do princípio de razão suficiente. Para que seu processo de percepção dos fenômenos seja possível, este indivíduo necessariamente estará também submetido ao princípio de razão suficiente. Desta forma, ainda que o conhecimento faça parte de seu ser, sua natureza corpórea lhe confere o posto de representação, assim como todos os entes por ele percebidos. No que tange sua relação com as representações, em primeiro momento os sentidos de seu corpo percebem os entes e formam uma representação intuitiva, que será processada pelo entendimento e então vinculada às noções de tempo, espaço e causalidade, sendo esta percepção, em última instância, traduzida em conceitos, formando as representações abstratas. Este indivíduo, como visto anteriormente, percebe a si mesmo, então, como sujeito da Vontade, parte da quádrupla raiz. Desta forma, mediante a condição de sujeito ligado ao corpo, sofrerá

objetivação da Vontade, envolvido pelo ciclo do sofrimento e direcionando todos os seus anseios e receios a si mesmo.

Em contrapartida, o sujeito que conhece será exterior à quádrupla raiz do princípio de razão suficiente, assim como a coisa-em-si. Seja pela contemplação da arte ou pela ascética, este sujeito torna-se alheio às representações, contemplando o mundo como representação somente a partir de uma posição exterior a este, alheia; como mero espectador que experimenta a serenidade em decorrência da impossibilidade de afetar-se pelos fenômenos da Vontade. Este sujeito do conhecimento será, então, aquele que não mais sofre objetivação da Vontade, não mais inserido no ciclo do sofrimento inerente à existência do sujeito ligado ao corpo. O autor ressalta que:

A transição possível – embora, como dito, só como exceção – do conhecimento comum das coisas particulares para o conhecimento das Ideias ocorre subitamente, quando o conhecimento se liberta do serviço da Vontade e, por aí, o sujeito cessa de ser meramente individual e, agora, é puro sujeito do conhecimento destituído de Vontade, sem mais seguir as relações conforme o princípio de razão, mas concebe em fixa contemplação o objeto que lhe é oferecido, exterior à conexão com outros objetos, repousando e absorvendo-se nessa contemplação. (MVR, § 34, p. 245)

Quando o filósofo ressalta o conhecimento das Ideias, surge a necessidade de esclarecermos o termo, bem como a diferença entre objetividade e objetivação. Por objetivação entendemos os fenômenos, aquilo que vem a tornar-se objeto: ao mencionarmos a Vontade objetivada, nos referimos à Vontade que se manifestou através de uma representação. Assim sendo, a objetivação refere-se somente aos entes. A objetividade, em contrapartida, ultrapassa o âmbito do objeto. Principalmente no que se refere à estética de Schopenhauer, que abordaremos a seguir, a objetividade se traduz em uma Ideia que sofre separação daquilo que lhe é exterior, assim como o indivíduo que alcança o patamar de sujeito do conhecimento. A Ideia não expressa o particular, o mesmo caráter individual que tange as representações dos entes, mas exprime o ideal a partir da coisa-em-si em sua universalidade, destituída das formas inseridas no tempo, espaço e causalidade. A Ideia ainda é uma representação, entretanto, uma representação intuitiva acessível apenas ao puro sujeito do conhecer, em vista de que ambos não mais se inserem no princípio de razão suficiente.

Quando abstraímos por completo o MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO, nada mais resta senão o MUNDO COMO VONTADE. Esta é o Em-si da Ideia, que a objetiva perfeitamente. A Vontade também é o Em-si da coisa particular e do indivíduo que a conhece, os quais a objetivam imperfeitamente. Vontade que, alheia à representação e a todas as suas formas, é uma única e mesma tanto no objeto contemplado quanto no indivíduo que se eleva à contemplação e se torna consciente de si como puro sujeito. Esses dois, por conseguinte, não são em si diferentes, pois em si são a Vontade que aqui se conhece a si mesma. (MVR, § 34, p. 248)

4.1. A arte

Ao adentrarmos o âmbito da arte e contemplação estética, de acordo com a teoria schopenhaueriana, é importante ter em mente a expressão da arte como a Ideia, mencionada anteriormente, e não enquanto fenômenos sob um olhar individual. Para o filósofo, a arte retira o sujeito “da torrente do curso do mundo e o isola diante de si. E este particular, que na torrente fugidia do mundo era uma parte ínfima a desaparecer, torna-se um representante do todo, um equivalente no espaço e no tempo do muito infinito” (MVR, § 36, p. 253). Desta forma, o artista, denominado pelo autor como gênio, é aquele que, para além das fronteiras da quádrupla raiz do princípio de razão suficiente, expressa a Ideia com perfeição, em oposição às cópias imperfeitas da coisa-em-si, dadas a partir dos fenômenos.

Seja através das artes plásticas, da poesia ou da música, aquele que exerce sua genialidade a partir da produção artística o faz intuitivamente, sem utilizar como recurso o próprio entendimento individual, que, neste caso, necessariamente reduziria a arte ao reflexo de mera representação abstrata. Atinge, desta forma, o ponto de sujeito do puro conhecer, como um expectador alheio aos fenômenos da Vontade. Não se propõe a retratar, então, as representações captadas na individualidade de sua percepção; mas sim as Ideias exteriores aos fenômenos, com considerável desprendimento e desinteresse por estes. O filósofo exemplifica ao mencionar os pintores:

Testemunhas são esses pintores holandeses, que souberam ver de um modo tão objetivo coisas tão pequenas, e que nos deixaram uma prova tão duradoura de desinteresse e de placidez de espírito nas cenas íntimas. O espectador não pode observá-las sem se comover, sem se representar o estado de espírito do artista, tranquilo, sereno, com o maior sossego, tal como era necessário para fixar a atenção sobre objetos insignificantes, e reproduzi-los com tanta solicitude; e a impressão é ainda mais forte porque observando-nos a nós mesmos, admiramo-nos dos contrastes dessas pinturas tão calmas com os nossos sentimentos sempre obscurecidos, sempre agitados pelas inquietações e pelos desejos. [...] As coisas só tem atrativo enquanto não nos tocam. A vida nunca é bela, só os quadros da vida são belos, quando o espelho da poesia os ilumina e os reflete, principalmente na mocidade, quando ignoramos ainda o que é viver. (SCHOPENHAUER, *As Dores do Mundo*, pp. 94-95)

O artista, em seu processo de criação, ao abster-se do mundo também se abstém de sua vontade. A arte, então, o torna alheio também ao sofrimento, mediante ao desinteresse por seus próprios desejos no momento em que se torna o sujeito do conhecimento. Àqueles que não exercem tal genialidade, reserva-se o alcance da condição de sujeito do puro conhecer através da contemplação das artes, consistindo quando este sujeito é arrebatado pela obra do gênio. É preenchido pelo êxtase da contemplação estética de tal forma que é retirado de sua condição de

indivíduo, logo, torna-se também alheio ao seu querer, momentaneamente livre da objetivação da Vontade. Sua vontade não é de todo suprimida, mas atenuada, considerando a impermanência do momento.

A música, entre todas as manifestações artísticas, é a mais destacada pelo autor. Ele a define não apenas enquanto expressão da Ideia, mas como a única de todas as artes capaz de exprimir essencialmente a Vontade. A música não se detém em Ideias categorizadas, assim como, por exemplo, a poesia exprime os mais profundos sentimentos de paixões ou angústias, ou como a pintura retrata a beleza, seja do esplendor da natureza ou da simplicidade da vida cotidiana. A música exprime uma linguagem abrangente a toda a humanidade, tendo em vista que:

Esta se encontra por inteiro separada de todas as demais artes, conhecemos nela não a cópia, a repetição no mundo de alguma Ideia dos seres; no entanto é uma arte tão elevada e majestosa, faz efeito tão poderosamente sobre o mais íntimo do homem, é aí tão inteira e profundamente compreendida por ele, como se fora uma linguagem universal, cuja distinção ultrapassa até mesmo a do mundo intuitivo. [...] Se a música não fosse algo mais, a satisfação por ela proporcionada teria de ser semelhante à que sentimos na correta resolução de uma soma aritmética e não poderia ser a alegria interior com a qual o íntimo mais fundo de nosso ser é trazido à linguagem (MVR, § 52, p. 336-337)

Ao mencionar esta linguagem universal, entretanto, o autor não se refere àquilo que circunda as representações abstratas do entendimento, mas se mantém na esfera acessível apenas ao puro sujeito do conhecer:

O compositor revela a essência mais íntima do mundo e exprime a sabedoria mais profunda numa linguagem que a sua razão não compreende; do mesmo modo que uma sonâmbula dá respostas claríssimas a respeito de assuntos sobre os quais, desperta, não tem conhecimento algum. O que há de íntimo e inexplicável em toda música, o que nos procura a visão rápida e passageira de um paraíso familiar e inacessível ao mesmo tempo, que compreendemos e que contudo não lograríamos explicar, é ela dar uma voz às profundas e surdas agitações do nosso ser, fora de toda a realidade, e por conseguinte, sem sofrimento. (SCHOPENHAUER, *As Dores do Mundo*, p. 98)

O autor assume a arte, desta forma, como um recurso capaz de atenuar a Vontade; não em caráter definitivo, de forma que possibilite o sujeito a total supressão dos desejos que provêm de sua vontade, mas pelo instante em que durar a contemplação estética.

4.2. Ética e ascetismo

Em dado momento, abordaremos os meios da supressão da Vontade, não mais nos detendo em sua atenuação. Para tal, abordaremos a ética da compaixão, como primeiro passo em direção ao abandono do princípio da individuação, tendo como finalidade a libertação do sofrimento através da purificação da Vontade que reside somente no ascetismo. Neste sentido, a bondade é o princípio que conduz à negação da própria vontade, ou, nas palavras do filósofo:

Por outros termos, não mais adianta amar os outros como a si mesmo, por eles fazer tanto, como se fosse por si, mas nasce uma repulsa pela essência da qual seu fenômeno é expressão, vale dizer, uma repulsa pela Vontade de vida, núcleo e essência de um mundo reconhecido como povoado de penúrias. Renega, por conseguinte, precisamente essa essência que nele aparece expressa já em seu corpo. Seus atos desmentem agora o fenômeno dessa essência, entram em contradição flagrante com ele. Essencialmente fenômeno da Vontade, ele cessa de querer algo, evita atar sua vontade a alguma coisa, procura estabelecer em si a grande indiferença por tudo. (MVR, § 68, pp. 482-483)

Ao aparecimento da menção da “repulsa pela Vontade de vida”, é importante ter em mente que se trata da Vontade objetivada, mantendo sua constante afirmação através de fenômenos. Schopenhauer não utiliza estas palavras em um sentido literal de negação da própria vida. O autor criticou o suicídio, evidenciando que este caso não consiste na supressão da própria vontade do indivíduo em questão, mas pelo contrário, trata-se do indivíduo que não encontrou meios de negar sua vontade, cedendo então à afirmação da Vontade como coisa-em-si.

A ética schopenhaueriana é pautada nas ações do homem, mas não em busca de estabelecer uma moral universal, como fez a ética kantiana, e sim partindo de uma proposta que visa possibilitar o rompimento da Vontade sobre a humanidade, a partir de uma filosofia prática. Devemos ter em vista que, no que se refere ao âmbito das ações do indivíduo sob domínio da Vontade, a maior preocupação deste será concernente a si mesmo, a sua natureza corpórea e seu querer – o que fundamenta a noção de egoísmo.

Todos os organismos se submetem ao egoísmo, mas a consciência do indivíduo como Vontade objetivada manifesta neste o egoísmo de maior grau, que, como visto anteriormente no presente trabalho, pode conduzir à prática das mais condenáveis ações, que ultrapassam o agir em prol de si mesmo, para alcançar então a crueldade, pautada nas ações exclusivamente para o mal de outrem. Desta forma, o autor propõe uma ética do agir, que não visa as demandas do próprio eu, mas compreende o bem querer de outros indivíduos, agindo de forma coerente para tal.

Só a piedade é o princípio real de toda justiça livre e de toda caridade verdadeira. A piedade é um fato incontestável da consciência do homem; é-lhe essencialmente própria e não depende de noções anteriores, de ideias *a priori*, religiões, dogmas, mitos, educação e cultura; é o produto espontâneo, imediato, inalienável da natureza; resiste a todas as provas, e mostra-se em todos os tempos e em todos os países [...]. O ente que não conhece a piedade está fora da humanidade, e essa mesma palavra humanidade é muitas vezes tomada como sinônimo de piedade. (SCHOPENHAUER, *As Dores do Mundo*, p. 109)

A compaixão possibilita ao homem um agir altruísta, deixando para trás o próprio egoísmo. Assim, o que lhe diz respeito passa a não ser somente a si mesmo, mas a coletividade, tanto homens quanto animais. Entende-se como parte do todo, passando a sentir as dores do mundo, para além de suas próprias dores. Mediante a isso, suas prioridades passam a não se voltar somente aos próprios desejos, negligenciando o próprio querer. Sua vontade não é, ainda, suprimida, mas ao suprimir a própria individualidade através da prática da compaixão, o homem caminha em direção a este objetivo.

É no ascetismo, por fim, que Schopenhauer encontra o único meio para efetivamente suprimir a Vontade e libertar o espírito: a negação da Vontade através da mortificação do corpo. Nas palavras do autor:

[...] O termo, por mim já amiúde empregado, de ASCESE, entendo no seu sentido estrito essa quebra PROPOSITAL da Vontade pela recusa do agradável e a procura do desagradável, mediante o modo de vida penitente voluntariamente escolhido e a autocastidade, tendo em vista a mortificação contínua da Vontade. (MVR, § 68, p. 496)

Após passar pelo processo de supressão da própria individualidade, o homem pode finalmente chegar a tornar-se um asceta. Em dado ponto, este abandono do princípio da individuação o permite deparar-se com a coisa-em-si sem que o véu de Maia encubra seus olhos: reconhece a essência de seu querer, reconhece seus próprios impulsos enquanto fenômenos da Vontade. Durante este processo, contempla sua própria vontade com grande repúdio, desejando suprimi-la. Entretanto, nesta instância, ainda não se encontra livre de seus desejos; sua vontade continua se manifestando através do querer. Entretanto, o que levará este sujeito ao encontro da vida asceta é a negação de sua vontade: começando pela negação do impulso sexual, este sujeito se empenhará para negar todos os impulsos de seu corpo. Isso acontece através da mortificação do corpo: negará tudo aquilo que lhe traz satisfação e prazer, mantendo seu corpo inserido nos contextos mais desagradáveis, opondo-se às demandas de sua vontade. Assim, torna-se finalmente um asceta: evolui de tal forma que deixa de ser apenas alheio ao próprio desejo, mas torna-se livre, purificado. O querer não mais lhe atormenta, pois tamanha e constante tem sido a negação dos maiores desejos de seu corpo, que a Vontade torna-se ineficaz diante de seu ser.

Não se encontrará mais subjugado às forças da Vontade, tampouco condenado ao sofrimento do mundo que lhe aprisionava o espírito. A vontade do asceta é efetivamente suprimida, ocorrendo, por fim, sua libertação.

5. CONCLUSÃO

O presente trabalho se propôs a aprofundar-se em uma análise do conceito de Vontade na filosofia de Schopenhauer, com o intuito de compreender sua relação direta com o sofrimento do mundo, para enfim demonstrar como o próprio autor propõe soluções para a quebra deste ciclo que, inicialmente, tomamos por interminável. Durante este percurso, compreendemos efetivamente os dois conceitos que estruturam *O Mundo como Vontade e Representação*: a coisa-em-si e os fenômenos. Embora a Vontade tenha sido aqui abordada em diferentes âmbitos, o principal objetivo desta monografia é um estudo contextualizado do sofrimento humano, à luz do pensamento schopenhaueriano.

Nesta análise do mundo e do ser enquanto Vontade, observamos seus diferentes aspectos, desde a conveniência até a supressão dela. É necessário esclarecer, contudo, que a mencionada conveniência da Vontade somente é legítima quando se trata do sujeito ainda inserido em sua condição individual, sofrendo a objetivação da Vontade sem que tenha ainda alcançado a esfera do sujeito do puro conhecer, exterior ao princípio de razão suficiente. No âmbito da existência humana, quando associamos a falta da Vontade ao mais esmagador dos tédios, surge uma questão: de que forma, então, o estado de ausência da Vontade como último estágio do ascetismo pode ser considerado positivo? A resposta está em todo o processo de transformação de um mero indivíduo para um asceta: o homem que alcançou a santidade da vida asceta saiu de sua condição de Vontade objetivada, a negação de sua vontade lhe proporcionou um estado evolutivo que culminou em uma serenidade imutável. Assim, se nem mesmo a Vontade pode tocá-lo através de suas manifestações e desejos, tampouco o tédio poderia tomar-lhe a serenidade. O asceta libertou-se de tudo o que tange a Vontade e as dores do mundo, assim, aquilo que é considerado uma conveniência da Vontade para o indivíduo inserido no mundo dos fenômenos, para o asceta não convém.

Compreendemos, então, que as ideias de Schopenhauer não têm como objetivo apenas ressaltar o sofrimento do mundo, sob uma perspectiva pessimista frequentemente atribuída ao filósofo, mas desvendar sua essência mais íntima, com toda a coerência de um olhar realista e epistemológico.

6. BIBLIOGRAFIA

MONTEIRO, Fernando J. S. *10 lições sobre Schopenhauer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NOGUEIRA, Renato. A ética da compaixão na filosofia de Schopenhauer. UFRRJ, p. 1-10. Disponível em: http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/Renato_Nogueira.pdf. Acesso em: 6 mar. 2023.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como Vontade e Representação*, Primeiro Tomo. Tradução: Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *As Dores do Mundo*. Tradução: José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2016.

_____. *O livre-arbítrio*. Tradução: Lohengrin de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

TORRES, Joel N. Conhecimento de si e sofrimento em Schopenhauer. Revista Lampejo, nº 4, p. 1-12. 2013. Disponível em: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-4/artigos/Artigo1_Joel%20N%2003%20a%2014.pdf. Acesso em: 2 mar. 2023.